

POETAS  
BRASILEIROS

# ASCENSO FERREIRA

## O ENCANTADOR DAS PALAVRAS



Ascenso Ferreira declamando uma de suas poesias.

Alto, corpulento, pernas longas, rosto largo e comprido, Arsenio Carneiro Gonçalves Ferreira, nasceu em Palmares, Pernambuco, no dia 09 de maio de 1895 e faleceu na cidade do Recife em 05 de maio de 1965. Foi a vida toda um menino saudoso e de alma leve, primaveril. A sua poesia maviosa e colorida era a radiografia do seu espírito de nordestino, que amalgamado com a natureza parecia fazer parte dela.

Foi sempre um homem de evocações, de lembranças pungentes, de descrições comovidas dos cenários idílicos e personagens emblemáticos de um tempo pretérito, mas imperecíveis na sua memória encharcada de brasilidade. Sua poesia categorizada pelos especialistas como regional – diríamos também memorialística – não o impediu de ser moderno, pois seus versos desconcertantes, bem humorados, ocasionalmente sarcásticos,

desafiava o rigor estético exigido aos poetas do seu tempo, regramento a ser observado com severidade, sob o risco de desqualificação dos exegetas daquele período. Tornou-se uma figura destacada na revolucionária Semana de Arte Moderna de 1922, demonstrando assim a universalidade da sua poesia imantada pela prosódia, imagens, sentidos e cores da sua terra natal, a qual impregnou também com seu sentimento agudo de brasileirismo em estado puro.

Ascenso Ferreira era poeta para ser soletrado e lido nas escolas, nos educandários, nas universidades, nas feiras, becos e periferias das cidades. Ao trazer sua arte poética para abrir a Secção “Poetas Brasileiros”, nesta segunda edição eletrônica da Revista Canudos”, o fazemos imbuídos da força pedagógica e educativa do seu versejar belo, elegante e divertido, diríamos mesmo, um retrato falado de nosso povo. Outros e outras virão, poetas e poetisas do Brasil afora neste momento tão sombrio, tão melancólico e distópico que vivenciamos, pois, a poesia não foge à luta, contudo, não perde a ternura jamais.

**Prof. Manoel Neto**

*Coordenador do CEEC - UNEB*

## HISTÓRIA PÁTRIA

*Por Ascenso Ferreira*

Plantando mandioca, plantando feijão,  
colhendo café, borracha, cacau,  
comendo pamonha, canjica, mingau,  
rezando de tarde nossa ave-maria,

Negramente...

Caboclamemente...

Portuguesamente...

A gente vivia.

De festas no ano só quatro é que havia:

Entrudo e Natal, Quaresma e Sanjoão!

Mas tudo emendava num só carrilhão!

E a gente vadiava, dançava e comia...

Negramente...

Caboclamemente...

Portuguesamente...

Todo santo dia!

O Rei, entretanto, não era da terra!

E gente pra Europa mandou-se estudar...

Gentinha idiota que trouxe a mania

de nos transformar

da noite pro dia...

A gente que tão

Negramente...

Caboclamemente...

Portuguesamente...

Vivia!

(E foi um dia a nossa civilização  
tão fácil de criar!)

Passou-se a pensar,

passou-se a cantar,

passou-se a dançar,

passou-se a comer,

passou-se a vestir,

passou-se a viver,

passou-se a sentir,

tal como Paris

pensava,

cantava,

comia,

sentia...

A gente que tão

Negramente...

Caboclamemente...

Portuguesamente...

Vivia!

## TREM DAS ALAGOAS

*Por Ascenso Ferreira*

O sino bate,  
o condutor apita o apito,  
solta o trem de ferro um grito,  
põe-se logo a caminhar...

– Vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende  
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos  
nos mangues molhados,  
moleques mulatos,  
vêm vê-lo passar.

– Adeus!  
– Adeus!

Mangueiras, coqueiros,  
cajueiros em flor,  
cajueiros com frutos  
já bons de chupar...

– Adeus, morena do cabelo cacheado!  
– Vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende  
com vontade de chegar...

Mangabas maduras,  
mamões amarelos,  
mamões amarelos  
que amostram, molengos,  
as mamas macias  
pra a gente mamar...

– Vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende  
com vontade de chegar...

Na boca da mata  
há furnas incríveis  
que em coisas terríveis  
nos fazem pensar:

– Ali dorme o Pai da Mata!  
– Ali é a casa dos caiporas!

– Vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende  
com vontade de chegar...

Meu Deus! Já deixamos  
a praia tão longe...  
No entanto, avistamos  
bem perto outro mar...  
Danou-se! Se move,

Se arqueia, faz onda...  
Que nada! É um partido  
já bom de cortar...

– Vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende  
com vontade de chegar...

Cana-caiana,  
cana-roxa,  
cana-fita,  
cada qual a mais bonita,  
todas boas de chupar...

– Adeus, morena do cabelo cacheado!  
– Ali dorme o Pai da Mata!  
– Ali é a casa das caiporas!

– Vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende,  
vou danado pra Catende  
com vontade de chegar...



## CINEMA

*Por Ascenso Ferreira*

MAS D. Nina,

aquilo é que é o tal de cinema?

— O homem saiu atrás da moça,

pega aqui, pega acolá,

pega aqui, pega acolá,

até que pegou-la.

Pegou-la e sustentou-la!

Danou-lhe um beijo,

danou-lhe beijo,

danou-lhe beijo!...

Depois entraram pra dentro de um quarto!

Fez-se aquela escuridão

e só se via o lençol bulindo...

Me diga uma coisa, D. Nina:

isso presta pra moça ver?!...

## **FILOSOFIA**

*Por Ascenso Ferreira*

(A José Pereira de Araújo - "Doutorzinho de Escada")

Hora de comer — comer!

Hora de dormir — dormir!

Hora de vadiar — vadiar!

Hora de trabalhar?

— Pernas pro ar que ninguém é de ferro!

## MINHA ESCOLA

*Por Ascenso Ferreira*

A escola que eu frequentava era cheia de grades como as prisões.

E o meu Mestre, carrancudo como um dicionário;

Complicado como as Matemáticas;

Inacessível como Os Lusíadas de Camões!

À sua porta eu estava sempre hesitante...

De um lado a vida... — A minha adorável vida de criança:

Pinhões... Papagaios... Carreiras ao sol...

Vãos de trapézio à sombra da mangueira!

Saltos da ingazeira pra dentro do rio...

Jogos de castanhas...

— O meu engenho de barro de fazer mel!

Do outro lado, aquela tortura:

"As armas e os barões assinalados!"

— Quantas orações?

— Qual é o maior rio da China?

— A  $2 + 2$  A B = quanto?

— Que é curvilíneo, convexo?

— Menino, venha dar sua lição de retórica!

— "Eu começo, atenienses, invocando

a proteção dos deuses do Olimpo

para os destinos da Grécia!"

— Muito bem! Isto é do grande Demóstenes!

— Agora, a de francês:

— "Quand le christianisme avait apparu sur la terre..."

— Basta

— Hoje temos sabatina...

- O argumento é a bolo!
- Qual é a distância da Terra ao Sol?
- ?!!
- Não sabe? Passe a mão à palmatória!
- Bem, amanhã quero isso de cor...

Felizmente, à boca da noite,  
eu tinha uma velha que me contava histórias...  
Lindas histórias do reino da Mãe-d'Água...  
E me ensinava a tomar a bênção à lua nova.

